

## La Gozadera: um refúgio lesbofeminista na cisheteronormativolândia mexicana\*

CLEBER BRAGA\*\*

**Resumo:** Tendo por ponto de partida a entrevista concedida na Cidade do México, no ano de 2018, pela ativista lesbofeminista Libertad SG sobre o espaço cultural *La Gozadera*, do qual é uma das idealizadoras, o presente artigo promove uma reflexão sobre identidade política, feminismo vegano e colonialidade - o que conduz à compreensão deste lugar enquanto refúgio para pessoas sexogênerodissidentes na cisheteronormativolândia mexicana.

**Palavras-chave:** Lesbofeminismo; veganismo; colonialidade; sexílio; identidade política.

**La Gozadera: a lesbian feminist refuge in the mexican *cisheteronormativeland***

**Abstract:** The starting point is the interview given in Mexico City, in 2018, by the lesbian feminist activist Libertad SG about the cultural center *La Gozadera*, which she is one of the creators. This paper makes a discussion about political identity, vegan feminism and coloniality, that promotes a reflection of this place as a refuge for sex and gender dissidents in the mexican *cisheteronormativeland*.

**Key words:** Lesbian feminism; veganism; coloniality; sexile; political identity.

---

\* O presente artigo é um desdobramento da tese de doutorado intitulada “Fantasmografias: sexílio, arte e ativismos cuirdecoloniais na transfronteira méxicobrasileira” (OLIVEIRA, 2019).



\*\* **CLEBER BRAGA** é artista e professor Doutor do curso de Licenciatura em Teatro e do curso de Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos, na Universidade Federal do Amapá, bem como do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia. [cleberbrag@gmail.com](mailto:cleberbrag@gmail.com) <http://lattes.cnpq.br/8630933424296722> <https://orcid.org/0000-0002-4907-7573>

Conheci La Gozadera no período em que estudei na Cidade do México, entre os anos de 2017 e 2018. Quem me apresentou ao lugar foi Alexandra Rodrigues, artista mexicana, ativista, migrante transexual de ascendência indígena que viveu grande parte da vida nos Estados Unidos. Ela foi outra das entrevistadas de minha pesquisa de doutorado (BRAGA, 2019), elemento fundamental para meu trabalho, além de uma querida amiga.

No primeiro contato que tivemos, pedi que Alexandra sugerisse um lugar que julgasse significativo de eu conhecer na Cidade do México, para nosso primeiro encontro. Imediatamente ela indicou La Gozadera, e logo pude compreender o porquê da relevância de vivenciar este espaço, que em sua página no Facebook<sup>1</sup> se descreve como “restaurante cultural de encuentros feministas para comer, beber y gozar”. Para além de tal descrição, pude constatar que este ambiente se presta também a uma série de oficinas artísticas, práticas de defesa pessoal, promove lançamento de livros, grupos de apoio às vítimas de violência, além de realizar festas e manter-se como restaurante que oferece versões vegetarianas da cozinha tradicional oaxaqueña<sup>2</sup>.

Localizado no centro antigo da cidade, na praça San Juan, perto do tradicional mercado de mesmo nome - conhecido por produtos alimentícios exóticos tais quais grilos, baratas e aranhas, além de alimentos típicos mexicanos e de outros países -, La Gozadera funciona em um casarão antigo, com grandes portas que dão para a praça. Neste mesmo dia, Alexandra me apresenta à Libertad GS, uma das idealizadoras do espaço, que gentilmente me dá as boas-vindas.

Tempos depois, nos primeiros dias de janeiro de 2018, ela vem ao meu apartamento e, juntamente com Rafael Guimarães, gravamos esta entrevista em que declara sua relação de amor e ódio com a Cidade do México, onde nasceu, fala sobre lesbofeminismo, veganismo, música e outros temas, com o olhar atento e a escuta generosa que a caracterizam:

*Muitos anos da minha vida eu me assumi como heterossexual, era feliz como heterossexual. Tinha meus deslizes...Eu então me dizia: “São alguns deslizes”. Mas a verdade é que fui muito feliz quando fui heterossexual. E faz poucos anos, três, me assumi como lésbica política. Sabendo que meus... Que meu querer pode ir a qualquer lado, mas decidindo centrar-me nas mulheres, por isso me nomeio lésbica política. E comecei a viver a cidade de uma maneira que nunca havia vivido... Que foi por discriminação por circunstância de orientação. Na verdade, nunca havia entendido como era diferente. Ou seja, como a cidade me recebia diferente se eu caminhasse de mãos dadas com um homem ou uma mulher, por exemplo. E comecei a ler um tipo de hostilidade que ainda não havia lido na cidade.*

Libertad não nega seu passado heterossexual. Ao contrário, o reafirma como parte do processo que a leva até onde está. Percebe-se capaz de se interessar tanto por homens quanto por mulheres, o que lhe permitiria identificar-se como bissexual. Contudo, opta conscientemente por uma afirmatividade identitária lésbica e sintonizada à sua orientação política feminista:

O lesbofeminismo, formado a partir dos anos 1970, dá forma a uma

1 Maiores informações estão disponíveis em: <[https://www.facebook.com/pg/La-Gozadera-1471050349857079/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/La-Gozadera-1471050349857079/about/?ref=page_internal)>. último acesso em 15 jul.2021.

2 O estado de Oaxaca, ao sul do país, é conhecido pela excepcional qualidade de sua culinária, de forte influência pré-colonial.

estrutura de identidade coletiva na qual a sapatão - no plural, as sapatonas - pode se reconhecer, dotando a identidade lésbica de uma dimensão política e pública articulada com a luta feminista pela derrocada do patriarcado como sistema de dominação e da ordem heterossexual. Assim, a identidade lésbica é reveladora de um ser de outro tipo (SILVA, 2018, p.96).

Deste modo, se o lesbofeminismo assinala uma nova singularidade dentro da ideia de mulher, no caso de Libertad, o desprendimento desde o centro da heterossexualidade, no sentido da expansão de sua diferença, configura um processo de (re)construção identitária forjado pela consciência política que desnaturaliza a orientação sexual: ela escolhe ser lésbica. E isso a expõe ao sexílio despendido ao “diferente” pela cisheteronormativolândia.

Por sexílio qualifico não apenas o processo de deslocamento geográfico a que estão sujeitas pessoas gênero-sexodissidentes, convertidas também em migrantes devido à violenta perseguição sofrida em seus locais de origem, conforme descrito por Manolo Guzmán (1997). Para além disso, proponho um entendimento mais amplo, que reconheça no termo também os componentes de deslocamento subjetivo, o sentimento de não-pertencimento que nos torna estrangeiros ainda antes de sairmos de casa.

Já o termo cisheteronormativolândia foi por mim cunhado (BRAGA, 2019) para qualificar não apenas a construção e a ocupação imagética do espaço urbano desde uma naturalização fantasiosa que generaliza o modelo cisheteronormado,

mas a celebração reiterada desta ficção - já que não correspondente à pluralidade de práticas e identidades que dela dissidem. Tal celebração se dá na reafirmação da família nuclear (pai, mãe e filhos - estando os dois últimos sob o domínio do primeiro) como representação social majoritária, a exemplo dos anúncios publicitários que servem de espelho para a manutenção do ideal de si, numa tonificação da autoimagem narcisista do patriarcado e ratificação do seu direito ao espaço público.

Pois é justamente o narcisismo um componente estruturante dos modelos coloniais de subjetividade - ou do inconsciente colonial capitalístico, para usar o termo de Suely Rolnik (2018) - fazendo-se necessário o trabalho contínuo de reafirmação da própria imagem idealizada ao limite do inatingível. Assim, se a cisheteronormativolândia ratifica o espaço privado do lar como território feminino e o espaço público como um lugar do masculino, por direito, ao sexogênerodissidente, às pessoas *cuir*<sup>3</sup>, ela irá reservar a possibilidade de uma cidade-armário como forma de não interromper a celebração em curso:

Porém, a figura do armário é, também, uma estrutura definidora da opressão, fortalecendo a cultura heterossexista e cissexista, explicitando que, enquanto a heterossexualidade e a cisgeneridade são naturalizadas e públicas, a homossexualidade e a transgeneridade devem permanecer no campo privado, sendo consideradas não-naturais e, assim, devem ser ocultas dentro do armário. A construção ideológica do armário deverá ser desmantelada, junto com o mito da “preservação” da moral,

<sup>3</sup> Neste texto, opto por grafar a palavra *queer* com a letra *c* de modo a salientar a dimensão geopolítica de seu emprego, diferenciando-o do contexto euroestadunidense. Neste caso, de

sujeitos sexogenerodissidentes atravessados por diferentes marcadores sociais - tais quais classe social, raça, migração, etc. - no território que se convencionou chamar de América Latina.

porque serve apenas para a manutenção dos privilégios e sacralização da heterossexualidade e da cisgeneridade através do discurso moralizante.

(...)

A cidade armário passa a ser confessionário das sexualidades, mas apenas aquelas permitidas; os corpos adequados podem transitar livremente pela cidade e acessar seus mais diversos serviços, mas àqueles corpos não-dóceis, resta o medo da rua, o medo da cidade. (CARVALHO & MACEDO JÚNIOR, 2017, p. 109-110).

Do medo aos guetos à noite que protege manifestações corporeoafetivas indesejadas. Ao final, o que se celebra na cisheteronormativolândia é uma moralidade bem localizada, de raiz colonial, que tende a ser - no contexto mexicanobrasileiro, para não dizer latinoamericano – branca, machista e cristã, além de essencialmente carnívora em seus hábitos alimentares.

Essa nova hostilidade experimentada por Libertad em lugares já conhecidos, na cidade onde sempre viveu, a espanta. Habituais demonstrações de afeto já não são bem-vindas, o mesmo corpo é rechaçado pelas novas condutas. E isso se revela ainda pior em outras cidades mexicanas menores, interioranas. Ela então se sensibiliza para a necessidade de construir uma alternativa, um refúgio ao sexílio urbano, mais especificamente no que tange às mulheres lésbicas. Assim, idealiza La Gozadera que, a este ponto, tem dois anos de atividades e foi levada à cabo com a colaboração de amigas que acreditaram no projeto:

*O único filtro que temos para que aconteçam as atividades é de conteúdo – pois é um filtro forte na verdade, não? (Risos). Porque o que nos interessa que sejam gerados, propiciados, são atividades que*

*tenham a ver especificamente com algum dos feminismos ou desde alguma das dissidências sexogenéricas, por isso lhes comentava que xs viadxs, xs drags, xs trans, são pessoas aliadas, não há discussão aí. E as companheiras heterofeministas - que, bom, aí já é outro feminismo – têm lugar. Ou, digamos que o limite é atividades de mulheres, com mulheres, para mulheres. O único trabalho que não nos interessa difundir - e que já tem um monte de espaços em todo o mundo - é o de homens cisheteronormados. Isso aí não nos interessa. Quer dizer, podemos lhes recomendar uma série de lugares onde podem ir expor (...), mas para nós não é nosso interesse promovê-los, difundi-los, potencializá-los. Este é o único filtro, feito agora pelas três pessoas que coordenam (o espaço). Mas, algo que queremos para este ano, é convidar companheiras para formarem uma espécie de conselho que simplesmente nos ajude a conectar-nos com propostas que lhes pareçam relevantes.*

Para Libertad, La Gozadera é parte de um processo de conscientização política atravessada por acontecimentos eróticoafetivos. O nome do lugar é festejado pelas outras companheiras quando sugerido. Contudo, nem sempre condiz com o árduo trabalho de geri-lo, dada sua condição fronteiriça. A dificuldade da sustentabilidade lhes exige, por exemplo, mantê-lo também como restaurante:

*O espaço começou tendo uma opção carnívora no menú... O menú e todo o restaurante segue se transformando também porque não pensávamos, não localizávamos, como um acordo coletivo, como um foco de possibilidade política. Agora creio que já o vemos assim. E então nos perguntávamos: bom, como o queremos? Pois nós temos um*

*enraizamento muito particular por Oaxaca. Então dissemos: pois que tenha toques oaxaqueños, por favor, porque queremos evocar isso em nossa cotidianidade, no dia a dia, no que comemos. E então em Oaxaca é muito emblemático o “tasajo”<sup>4</sup>, a “carne de res”<sup>5</sup> que se salga e vai na tlayuda<sup>6</sup>. E, na verdade... É que no princípio, quando manejavamos esta carne, nos sentíamos... Eu me sentia incômoda. De fato, para manejá-la, ninguém queria entrar. Ou seja, só a chef, mas era necessário fazer o tratamento: ou seja, recebê-la, guardar e tal. E ninguém queria fazer isso. E eu... “Não, creio que isso não vai dar certo...”. Não gostamos de trabalhar com isso, por que estamos fazendo? Então foi modificar algo cotidiano. E pouco a pouco tivemos reflexões que tem tendido ao veganismo... Pelo espaço passaram também companheiras veganas que também plantaram essa semente. Eu, particularmente, não sou vegana, sou vegetariana, mas entendo que é uma opção. Ou seja, que tem uma lógica, que tem argumentos, e gosto que o espaço possa ter alternativas para as pessoas que estão em outro nível, ou em outro processo, diferente de mim. Então gosto que o lugar esteja tendendo a opções veganas, por exemplo. E antes não identificávamos isso como algo capaz de transmitir uma postura política pela comida, não? E que bonito que se construiu. E também o tema da sustentabilidade, do comércio local, ou seja, cada vez estamos buscando deixar de fazer uma compra massiva em certos estabelecimentos maiores, e sim buscar (faz gestos com as mãos que sinalizam diferentes caminhos).*

*Estamos pensando em fazer uma pequena horta... Há tantas ideias. Creio que é como um paradigma, que cada vez vamos materializando mais. E temos uma muito boa oportunidade porque o espaço permite essa cotidianidade. E desde o cotidiano se pode fazer muitas fendas no sistema.*

Os hábitos mudam então neste restaurante onde todas as trabalhadoras comem a mesma comida que suas clientes, num cruzamento entre vegetarianismo, veganismo<sup>7</sup> e feminismo - o que, para minha surpresa, ainda surpreende. Isso porque o especismo é muito naturalizado mesmo por pessoas críticas à colonialidade, e por muitas vezes nem se suspeita de sua íntima relação com o patriarcado.

A este respeito, Carol Adams (2018) já assinalava em seu livro Política Sexual da Carne como o consumo de animais para alimentação humana esteve, em diferentes contextos, relacionado à manutenção de uma masculinidade soberana. A carne vermelha, sobretudo, é um privilégio masculino que serve de alimento para a virilidade. E que, dado o seu custo, além de demarcar posições de classe, também configura parte do imaginário racista desde a imposição dos hábitos alimentares pelos brancos aos povos colonizados, em detrimento da diversidade alimentar local – sendo que, quando não suficiente a quantidade de carne disponível, esta sempre esteve reservada ao homem branco.

À mulher é reservado o que sobra, o excedente. E as fêmeas animais nos criadouros, a exemplo das vacas, só permanecem vivas porque se mantém

4 Tipo de corte de carne de vaca, podendo ser da cabeça ou da costela, entre outras partes, característico da culinária oaxaqueña.

5 Carne de vaca.

6 Prato feito à mão, espécie de disco crocante e fino de milho tostado, como uma grande tortilla, coberto de gordura de porco, feijão, pimenta,

queijo, couve flor picada, tiras de bife e molho.

7 “Veganismo aqui se refere brevemente ao modo de vida que busca eliminar toda forma de exploração de animais, não apenas na dieta mas no vestuário, em testes e na composição de produtos, no trabalho, no entretenimento e no comércio” (MONTEIRO; GARCIA, 2017, p. 165).

constantemente grávidas e entubadas para a retirada de seu leite. Em um contexto em que viver é sofrer tortura por mais tempo, elas sofrem mais por sua condição feminina.

No Brasil, chama-me especial atenção a cultura do churrasco - muito popular por todo o país, sendo mais intensa na região sul, que sofreu acentuada colonização espanhola, cuja tradição carnívora é notória. Ainda que possam ser feitas associações entre o consumo de carne de caça assada por povos indígenas com o churrasco moderno, o modo como este segundo se estabelece, enquanto elemento identitário da culinária brasileira, remete ao século XVIII, no contexto da destruição dos Sete Povos das Missões - aldeamentos indígenas fundados por jesuítas -, bem como a posterior difusão promovida pelos tropeiros (ALBRECHT, 2010). Deste modo, diferente dos hábitos carnívoros indígenas, baseados na caça, o que consolidará o churrasco moderno é o confinamento animal.

Dentro desta cultura alimentar colonial, cabe à mulher da sociedade patriarcal a cotidiana preparação dos alimentos para família. É seu o lugar reservado na cozinha. Contudo, quando homens cozinham, muitas vezes preparam carne assada em abundância, numa espécie de evento extra cotidiano da cisheteronormativolândia. Este ritual é um acontecimento celebrado frequentemente de forma pública: em festas, parques, etc. Sendo que, em muitos apartamentos de classe média, por exemplo, a churrasqueira fica na sacada do edifício, tornando o espetáculo mais

visível para os vizinhos. Em sentido contrário, um homem que não consuma carne é tido por menos viril, afeminado. Tudo isso denota a dimensão cultural e identitária que sustenta este modelo de produção alimentar.

O fato de a monocultura da soja para alimentação bovina contribuir para o agravamento da fome no Brasil<sup>8</sup>, por exemplo, desfaz o mito do consumo de proteína animal como única fonte adequada às necessidades humanas, revelando o apagamento de tradições culinárias baseadas em grãos e vegetais (TAVARES, 2012). O problema do consumo excessivo de carne é agravado pelo uso de hormônios e medicamentos cancerígenos, pelo modelo de produção industrial que se vale de técnicas de tortura animal, resultando em um alto custo socioambiental - já que a emissão de gases pelo gado gera mais impacto no aquecimento global do que todos os meios de transporte do planeta (LAORDEM, 2017).

Ainda que muitas críticas sejam cabíveis à determinadas práticas associadas ao veganismo - a exemplo da sua captura pelo recente mercado *gourmet* que o faz parecer erroneamente inacessível à grande parte da população, ou ainda a exemplo do estreito militância que desconsidera contextos específicos, como o criadouro caseiro, não industrializado ou ainda o alimento religioso, a exemplo do candomblé -, negar a importância da reflexão sobre a tortura animal para consumo humano, interseccionalizada ao feminismo, à segurança alimentar, às questões ambientais, ao pensamento decolonial, etc., negar, enfim, todos os

---

8 O Brasil é hoje o maior exportador de carne e o segundo maior produtor de soja do mundo, perdendo apenas para os EUA. No entanto, a maior parte da soja produzida no Brasil é exportada para alimentar o gado criado em confinamento nos EUA e na União Europeia. Por

mais incrível que pareça, a quantidade de soja produzida no Brasil é cinco vezes maior do que a de arroz e dezoito vezes maior do que a de feijão, o que é estarrecedor para um país com tantos problemas de fome e desnutrição (TAVARES, 2012, p.189).

impactos que dela se desdobram, desqualificando simplesmente tal reflexão pelo argumento de que estabelece novas hierarquizações dentro de ativismos já existentes – argumento que vem sendo repetido com cada vez maior frequência –, apenas faz constatar a dificuldade de realização da autocrítica, do reconhecimento da própria colonialidade em si.

Mas a fala de Libertad vai em sentido contrário: mesmo não sendo vegana, não deslegitima o veganismo. Sua porosidade, abertura a outros modos existenciais, seu desejo de outro, enfim, permite que não ignore o que se difere, ainda que esteja muito consciente de quem são seus pares:

*Me sinto em um ambiente bem diferente só com mulheres... A energia é bem diferente. Eu gosto de ambientes separatistas para certos propósitos, tem sido uma estratégia... Não sei, de muita potência. E também gosto dos espaços mistos para outras finalidades, não? Ou seja, eu vivo desde este lugar, ou seja, sou uma lésbica política. E identifico, por exemplo, que muitos compas: xs maricas, xs drags ou feministas heterossexuais como grandes aliadas, comunidades aliadas, que é muito importante que tenhamos. Na verdade o que me custa muito trabalho... E, de verdade, é uma postura que logo ... dou voltas e voltas e para mim... A construção homem-heterossexual-cis (Pausa seguida de risos). É que, de verdade, não sei como se sustenta! Como se sustenta desde um lugar de amor às outras pessoas, ao entorno, não entendo. De verdade, as únicas alternativas que encontro é bom... As maricas, drags, a dissidência, desde*

*outros lugares. E para mim, muitas circunstâncias que eu encontrava como “de luta”, por exemplo o tema do Zapatismo, o tema do sindicalismo em algum momento, na universidade, as lutas estudantis, não? E, tudo isso, para mim foi... Digamos que tudo teve uma origem ideológica na Universidade, principalmente, mas que depois se combinou com esta outra dissidência, esta outra luta. Porque o que me dou conta é que, todas estas lutas, passá-las pela peneira do feminismo, evidencia muitos mecanismos de injustiça, de desigualdade, de violência. É necessário irmanar, construir ou aproximar e o mesmo do outro lado. Por exemplo, agora a pouco quando estávamos falando de Marichuy<sup>9</sup> a respeito das candidaturas, pelo menos ela sempre teve uma crítica, pelo menos sempre teve um posicionamento ideológico de mandar obedecendo, de ir a passos mais lentos, questões que falam de outro processo, de uma democracia desde baixo. De paz com justiça e dignidade, rebeldia. Mas logo quando chego e me assumo lésbica, começo a perceber em alguns círculos, inclusive de amizades... as festas, a música que escuto, parece que muitos pontos dessa comunidade estão despolitizados disso que eu vivia. Então foi como um choque... Uau... Na verdade está na música, não? Por exemplo, para mim, por toda a outra história, gosto muito do punk, sinto que no punk há muita potência. Mas, logo aqui, nesta comunidade, não se gosta de punk. Então a mim me custa trabalhar nestas coisas tão simples de diálogo, de cotidianidade. Me dá trabalho, mas isso são aproximações que tem que ser feitas (...). Por exemplo,*

9 Nas eleições que transcorriam quando da realização desta entrevista, María de Jesús Patricio, conhecida por Marichuy, foi a primeira candidata indígena à presidência do México.

Mulher indígena nahua, seu plano de governo, que estava apoiado numa maior participação indígenocampesina na política do país, foi apoiado pelo movimento zapatista.

*Punto Gozadera não é meu lugar separatista ideal, para isso tenho minha casa, para fazer minhas festas com minhas amigas. É um ponto de encontro, é um lugar para isso. Para que pessoas que não tiveram a opção de conhecer uma postura determinada. Por exemplo, o feminismo. Ou um documentário que pode ser potente, ou uma postura, e tal. Ou que seja: um ponto de encontro sem pretexto. Este lugar não busca mais que isso, desde minha perspectiva, busca encontros. (...) É como uma pequena materialização desta frase zapatista “um mundo onde caibam muitos mundos”.*

O separatismo descrito por Libertad se expressa, por exemplo, quando parte da programação do espaço é destinada às mulheres cis ou trans, sendo vedada a entrada a homens, sejam cisgênero, trans, homo ou heterossexuais. Lembro que a artista brasileira Bruna Kury realizou uma performance em um destes dias exclusivos para mulheres, e que eu não pude assistir. Mas isso não me incomodou, na verdade fez-me lembrar dos diversos lugares exclusivamente masculinos que conheci, incluindo espaços gays, que beiravam a misoginia. Mas em La Gozadera não senti tal separatismo como misandria, e sim como uma manutenção do desejo de si no sentido de reafirmar o espaço de refúgio. Afinal, o machismo silencia e a ameaça não é uma ficção, podendo ultrapassar a virtualidade das redes sociais:

*Começamos a receber por parte de outras companheiras o alerta de que, em um chat que algumas já conheciam, havia ameaças ao espaço. Que iria um grupo de machos destruir coisas, (agredir) as pessoas que trabalhavam, porque éramos feministas, porque éramos lésbicas, porque éramos “feminazes”. Ou seja, era como... Uau!. Nunca imaginamos que chegaria tão cedo.”*

A pertinente citação ao zapatismo se insere desde o repertório político pré lesbofeminista de Libertad. Surgido no pobre estado de Chiapas - pobre porque rico, dado o contraste entre a riqueza de sua biodiversidade, das muitas culturas originárias que o constituem e que são exploradas por multinacionais, em contraponto aos índices alarmantes de desenvolvimento humano, segundo descrito pelo discurso do movimento zapatista de 1994 (EZLN, 2017) – este movimento popular campesino, indígena, inspirado na figura de Emiliano Zapata, que liderou a reforma agrária no país no começo do século XX, reivindica uma cidadania pluriétnica, que não siga excluindo os indígenas que antecedem os colonizadores nestas terras.

Quando em San Cristóbal de Las Casas, com Rafael Guimarães, visitamos uma Universidade Livre Zapatista. Foi um tanto difícil chegar lá, porque os taxistas não recomendavam esta visita, dizendo não se tratar de lugar para nós. O fato é que encontramos um refúgio generosamente aberto, numa noite em que seriam discutidas questões latinoamericanas, como de costume. Na ocasião, havia também um grupo de mulheres indígenas brasileiras além de nós. Elas eram do estado do Pará e relatavam a triste situação da construção de hidroelétricas em território indígena da selva amazônica. Argumentavam estar conseguindo algum diálogo com o governo do então presidente Michel Temer.

Concordei depois, conversando com Rafael, que quase uma década governado pelo Partido dos Trabalhadores, em sentido contrário aos inegáveis avanços sociais do período, fez do Brasil um país mais resfriado no que tange às articulações micropolíticas. Muitas lideranças de movimentos sociais terminaram por serem absorvidas pelo

Estado neste período. Consideramos que este esfriamento poderia exigir uma musculatura extra, a depender do que viria. E o *GolpeBolsonaro* apenas constatou esta hipótese.

Menos iludido com o modelo democrático decalcado do Estadonação Etnoburguês (MIGNOLO, 2016), o zapatismo parece mais propositivo ao não depender do Estado mexicano e, indo além, interditar sua presença quando preciso. Autonomia para a coexistência de diferentes mundos, sem silenciamentos, numa descolonização da ideia de movimento social.

La Gozadera também não depende do Estado Mexicano, por convicção, não possuindo apoios institucionais, tendo sido erguida às custas de economias pessoais. Lugar de fronteira, é difícil ter outros apoios mesmo de organizações feministas pela característica comercial que o mantém sustentável.

Quando pergunto a Libertad sobre sua relação, e a do espaço, com a ideia de *queer*, ela me responde:

*Desde meu posicionamento, eu sinto que é um termo que para mim não serve. Para mim, para mim! Mas entendo que para outras comunidades e outras pessoas possa ser um termo muito útil (...). Creio que é um leque mais amplo que pode abarcar muitas dissidências. Dissidências que, se tivermos vivido em um só país, nos custa enxergar, por exemplo, não? E lhes comentava que a mim o termo queer. Digamos, não me serve neste momento, não sei se no futuro irá servir, porque agora estou mais centrada no lesbofeminismo. Entendo que há posicionamentos que podem ser extremos ou mais radicais – mais radicais que extremos – que a outras pessoas que falam de gêneros fluidos, que falam da dissolução dos gêneros, e que podem resultar em contra-*

*sentido. Estas reivindicações e estes guetos onde, por vezes, parece que nós lesbofeministas nos metemos. Mas, pensando no espaço... (Risos). É que justo agora estou lembrando, e isso é bonito, poder ter estas conversas e poder fazer muitas reflexões que às vezes a cotidianidade não permite. É que no mural que lá foi feito, viram o mural? Há uma figura que tem uma jaqueta de couro escrito queer. E isso me gerou uma reação, assim, queer?!. (Risos). Mas entendo que isso pode estar significando muitas coisas, muitas dissidências, muitas resistências, muitas rebeldias... E que, por exemplo, corpos que não são corpos compreendidos biologicamente como de mulher, podem recorrer a este guarda-chuva, não só no sentido de imagem e estética, mas também ideológico, também de reflexão, para desconstruir-se. E o que passa é que no espaço creio que se cruzam muitos mundos. A priori não há uma intenção de separá-los no espaço. Às vezes há atividades especificamente para algumas corpos, ou para algumas identidades, mas que no espaço e no cotidiano se podem mesclar. Desde aí o queer, o trans, o viado, a sapata, tudo se encaixa, entra, é bem vindo (...). E a mim, o que me passa desde minha trincheira pessoal, te comentava, é que o proselitismo não me cai bem. Porque vivo tão plenamente aqui, ou tão escassamente como minhas próprias vivências me permitem, e querer vender minha experiência de vida a outra pessoa como se esta fosse a única e tal, para mim não dá. Não sei se é ególatra, míope, não sei. Mas não dá. E o que acontece é que aqui se cruzou sempre o teórico com o prático.*

Outra vez ela se refere ao que não é, sem desmerecer esta diferença, desprendendo-se da autoimagem e das suas figuras de autoridade;

*Quanto mais longe está da sua figura de autoridade, que muitas vezes é teu pai, tua mãe, teu “avuele” (avô/avó), mais pode se portar mal (risos). Resignificar o que é mal. E se dar conta de que o mal é gozoso, é pleno, que o proibem justamente porque te dá possibilidades de conhecer de uma vez coisas que teoricamente demoraria muito (...). E, no meu caso, ir construindo esta que sou eu – e creio que das versões que tive de mim mesma é, na verdade, aquela em que estou mais contente. Para mim é muito importante ter um momento da vida de todas as pessoas, de ter distância de nossas figuras de autoridade, para realmente constatar o que nos faz sentir mais plena.*

Distante do controle exercido pela cisheteronormativolândia, La Gozadera é um refúgio, um exercício de autofortalecimento minoritário, puro desejo de si erogenizando-se em diferença: práxis utópica direcionada a um mundo onde caibam outros.

Múltiplos.

#### Referências

ALBRECHT, Christian Freire. **Além da carne assada sobre as brasas: os elementos de experiência de consumo de churrasco.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Administração. 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25155/000750883.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista vegetariana.** São Paulo: Alaúde, 2018.

BRAGA, Cleber (Cleber Rodrigo Braga de Oliveira). **Fantasmografias: sexílio, arte e ativismos cuirdecoloniais na transfronteira mexicobrasileira.** Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p.274, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32022?fb>

[clid=IwAR2YVe-X-f4\\_2DPGc\\_J5BPsDC7URkp-UNK05y85wBXPNHx99bTgqqnzEtJk](https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32022?fbclid=IwAR2YVe-X-f4_2DPGc_J5BPsDC7URkp-UNK05y85wBXPNHx99bTgqqnzEtJk)>. Acesso em: 10 Jul 2021.

CARVALHO, Claudio Oliveira; MACEDO JÚNIOR, Gilson Santiago. ‘Isto é um lugar de respeito!’: a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. **Revista de Direito da Cidade**, vol. 09, nº 1, jan. 2017, p. 103-116.

EZLN. **La lucha es una grieta em el muro del sistema.** Huixtan: Pensaré, 2017.

GUZMÁN, Manolo. “Pa’ La Escuelita con Mucho Cuida’o y por la Orillita”: A Journey through the Contested Terrains of the Nation and Sexual Orientation. In: **Puerto Rican Jam.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

LAORDEM, Carlos. Não podemos continuar comendo carne como fazemos. **El País.** 18 nov.2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/15/ciencia/15110746923\\_664876.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/15/ciencia/15110746923_664876.html)>. Acesso em 10 jun.2021.

MIGNOLO, Walter. **Hacer, pensar y vivir da decolonialidad:** Textos reunidos y presentados por comunidad psicoanálisis/pensamiento decolonial. Ciudad de México: Editorial Borde Sur/Ediciones Navarra, 2016.

MONTEIRO, Lorena; GARCIA, Loreley. Veganismo, libertação animal e veganismo: conexões entre discursos e movimentos de libertação. IN: LESSA, Patricia; GALINDO, Dolores (ORG.). **Relações multiespécies em rede:** feminismos, animalismos e veganismos. Maringá: EDUEM, 2017.

ROLNIK, Suely. **Esfemas da Insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SILVA, Zuleide Paiva da. Lesbianidade Política na Bahia Que ginga é essa?. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 02, abr.- mai. 2018, p. 91-116.

TAVARES, Carlos Raul Brandão. Operações de engorda de animais através de confinamento: uma análise. **Revista Brasileira de Direito Animal.** Salvador, volume 11, ano 07, Jul-Dez 2012, p. 177-196.

Recebido em 2021-08-11  
Publicado em 2021-11-01